

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

Toda a correspondência deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas, director, proprietario e administrador de *A Restauração*.

Redacção e Administração

Rua de Payo Galvão — Guimarães

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anúncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Composição e Impressão

Typographia Minerva Vimarancense

A formação da vontade

IV

Classificação dos nossos actos

O acto reflexo, caracterizado pela passagem inteiramente espontânea da corrente nervosa desde a célula sensível até a célula motriz, não é sempre inconsciente. Emquanto a corrente passa e o acto se produz, a consciência pôde ser despertada e perceber os successos de que o ser é theatro vivo. Ver o que se passa não é produzi-lo; de maneira que pôde haver — e ha na realidade — actos conscientes, que nada tenham de voluntários, que sejam puramente reflexos. Percebemos os nossos movimentos respiratórios, mas não os imperamos. Emquanto andamos, os movimentos coordenados da marcha chamam-se uns aos outros e produzem-se sem que a nossa vontade intervenha senão para decidir o primeiro passo. Em presença dum espectáculo enternecedor, sentimos o coração impressionado, e as lágrimas assomam-nos aos olhos: somos então testemunhas, que não auctores, do que se passa em nós. O mesmo acontece com esses violentos accessos, em que a cólera se desencadeia subitamente e se exprime — por vezes a pesar nosso — em palavras vivas e cortantes ou em actos que a nossa consciência moral reprova. E' o caso de todas as impressões fortes que nós não dominamos: vemo-las subir em nós; a nossa vista ganham o organismo todo; inflammam sobre tudo a imaginação e põem em acção todos os músculos de expressão exterior. Nas creanças e nos velhos, que ainda não sabem ou que já não podem dominar-se, estas invasões conscientes de todo o ser por parte da impressão sam especialmente dignas de nota. Ainda que pareçam involuntárias, nem sempre escapam a responsabilidade; porque algumas vezes, se a vontade interviesse, a corrente nervosa tomaria outra direcção pela acção duma corrente de sentido contrário. A estes actos reflexos conscientes bem se pôde applicar a palavra de Ribot: que a consciência «conhece uma situação, mas não a constitue».

O mesmo não succede com os actos voluntários, nos quaes — pensamos nós — o «eu quero» constitue realmente a situação de que a alma toma consciência. Por maior obscuridade que aqui possa haver pelo lado physico, se ha uma noção que claramente percebemos em nossa consciência, é sem dúvida a do dominio que exercemos em certos actos nossos. Nada se nos revela com mais evidência do que o poder de operar ou de não operar, de mudar as nossas resoluções ou de as deixar seguir seu curso: sacudindo o nosso torpor, temos sentido que o esforço nos tira da inacção; enquanto éramos arrebatados pela cólera, dominamos repentina-

mente a nossa perturbação, e empregamos na prática dum acto de viriude a energia vital que ia consumir-se num acto talvez criminoso. Ora produzimos, ora suspendemos, ora mudamos a direcção do movimento: as hypótheses physiológicas podem tentar explicar este império, mas não podem pô-lo em dúvida. O número destes actos voluntários e livres é talvez muito restricto; mas a observação interna não nos permite reduzi-los a zero.

O acto voluntário principia num centro sensível do cérebro por uma impressão. E' uma imagem da acção exterior producenda, evocada por uma exhortação vinda de fóra, ou por uma meditação pessoal, ou pelo concurso de mil circunstâncias que escapam a análise. Esta imagem, como toda a impressão nervosa que se escôda pelos áxones, é já um rudimento de acção: mas quam longe está ella ainda de se exprimir por uma acção real! Se é fraca, a impressão extingir-se-ha à porta dos neurones de associação, e o acto abortará: a primeira intervenção da vontade consistirá pois em reforçar ja impressão inicial pela evocação de imagens mais vivas, a fim de que, em lugar de permanecer no santuário da alma no estado de ideia ou desejo esteril, a resolução se torne fecunda pela sua mesma intensidade.

Se a impressão é viva, o desejo violento, a resolução forte, a corrente nervosa diffunde-se intensa através dos neurones de associação e chega aos neurones motores. Mas, quando se trata duma acção nova, que não é fructo dum hábito, os neurones motores, que recebem e exteriorizam a impulsão, não estão coordenados. Para evitar todo o erro e realizar o acto previsto, intervem a vontade por duplo titulo: como poder de inibição, provoca impulsões que neutralizam ou inibem as impulsões motrizes prejudiciaes à resolução formada; como poder de excitação, provoca impulsões motrizes nos centros que as não tinham recebido e que todavia devem ser postos em acção.

O poder de inibição e detenção por evocação de impulsões contrárias desempenha um papel capital na lucta contra as paixões. Nas paixões, uma impressão violenta nascida num centro sensível propaga-se com rapidez até aos centros productores de acção pelos neurones coordenados e ligados pela própria natureza ou pelo hábito: se ha tendência para uma acção bda, o acto produz-se então com grande facilidade; mas, se ha tendência para uma acção má, importa que uma impressão opposta, da mesma intensidade, venha suspender ou inibir a primeira.

Exercendo este poder de excitação ou de inibição, a vontade certamente não cria energia physica; mas imprime-lhe uma direcção. O núcleo de cada neurone é como um acumulador eléctrico; a vontade não pôde carregá-lo de

fluido subitamente; a carga faz-se pela nutrição; mas, semelhante ao engenheiro electricista, ella pôde dirigir a despesa do potencial armazenado. Se imaginássemos a alma tam estranha ao organismo como é o engenheiro ao seu accumulador, teriamos de dizer por que energia physica pôi ella em acção as suas provisões de força: mas, desde que concebemos a alma humana como constituindo com o órgão um todo vivo, estamos dispensados de buscar um intermédio entre ella e as suas reservas.

Desde então a nossa sciência não está em desacôrdo com a nossa consciência. Não diremos com Ribot que a volição «não é causa de nada»: ella verdadeiramente é a causa dos nossos actos chamados voluntários. Não negaremos que os actos e movimentos que seguem a volição resultam «das tendências, sentimentos, imagens e ideias que lograram coordenar-se»; mas diremos que a coordenação physica se fez sob a acção da volição. A volição e os actos não sam dois efeitos parallelos, um no conhecimento, outro no organismo, duma coordenação automática: mas a volição produziu a coordenação, e pela coordenação os actos exteriores.

Aliás, por uma feliz inconsequência, os moralistas que tratam da formação da vontade, ainda quando têm sido deterministas em metaphysica, deixam de o ser em psychologia prática. Porque, para elles do mesmo modo que para nós, o problema da educação moral reduz-se a esta questão: Por que exercicios deve a alma passar, para que a vontade tenha império sobre todas as potências ou energias vitales de que o seu ser é fonte?

A communhão frequente e quotidiana

XV

Cruzada eucharística

Ha perto de meio seculo, o Piemonte, alliado á Revolução, invadia os Estados Pontificios.

Pio IX dirigiu um appello aos filhos da Igreja, convidando-os á defesa dos sagrados dominios. E então a França e a Belgica viram levantar-se de seu meio grande numero de homens, que se alistaram sob o nome de Zuavos Pontificios. Pelo espaço de dez annos conseguiram manter em cheque o exercito sacrilego.

Muito novos ainda, queridos jovens, vós não podereis tomar as armas para vos baterdes com as tropas garibaldinas; mas podeis, sem duvida, fazer parte doutra sorte de Zuavos. Os ataques e insultos á Igreja continuam, e os vossos corações jovens não lhes devem ser indifferentes: convidados á lucta pela oração e pelo sacrificio, alistai-vos-heis como Zuavos do silencio, da oração e do trabalho.

Filhos do seculo XX, o Papa novamente ergue a sua voz angustiada e dirige-se a todos vós.

Depois de haver lançado um olhar por sobre a Igreja, viu o perigo que a ameaça: é menos a sanha de seus inimigos, que a fraqueza dos christãos. Deu ao mundo a sua palavra de ordem: restaurar tudo em Jesus-Christo — restabelecer a doutrina de Jesus nos espiritos e a sua vida nas almas!

Esquecendo a sua grandeza sobrenatural de filhos de Deus, de irmãos de Jesus e de templos do Espirito Santo, um grande numero de christãos sam pouco cuidadosos em a conservar, em a desenvolver e em expandi-la.

E o Papa exclama: «Vinde a Jesus-Hostia para viverdes de Jesus!»

Christãos, e jovens em particular, impregnai-vos de Jesus, afim de serdes, nestes tempos difficeis, christãos valentes e completos.

Pelo vosso exemplo, apressai o momento em que vossos paes, vossos irmãos, vossos parentes e amigos, abalados por sua vez, tomem logar na mesa eucharistica e não se conservem longe della, contentando-se com ver os que se nutrem do Pão da Vida.

Que este appello, queridos jovens, encontre um echo em vossos corações, e, enchendo-vos de entusiasmo, vos faça outros tantos cruzados da communhão!

XVI

Ultima palavra

Experimentai! Sabeis talvez, christãos, o que seja communhar todos os oito ou quinze dias, mas ignorais o que é a communhão quotidiana. Fazei pois um ensaio, não mais que duma novena ou poucos dias mais, e reconhecereis a verdade das palavras duma creança de 13 annos: «Após a communhão em quinze dias seguidos, sinto em mim um não sei quê, que me coage á pratica do bem e a evitar o mal. Sou muito mais feliz que outrora.» E a destoutras: «Vejo agora, com verdadeira alegria, chegar a hora da missa da manhã, e estou convencido de que, se um dia me afastasse della, desesperaria.»

Dizia um grande apostolo da santissima Eucharistia, o celebre Padre Herman: «Ha um dia mais bello que o da nossa primeira communhão, é o da segunda; ha ainda um outro mais bello que o da segunda, é o da terceira, e assim seguidamente!»

Considerai detidamente estas palavras, e direis: como isto é verdade, sobre tudo quando uma communhão, succedendo-se de perto a outra, encontra a alma ainda debaixo da influencia das graças da precedente!

«Mas... communhar eu assim todos os dias?!...» dir-me-heis vós «Não será de necessidade frequentar a communhão em periodos de tempo cada vez menos distanciados entre si?»

Exigem estes intervallos Jesus ou a sua Igreja? Portanto se os deveres do vosso estado vos não

tornam demasiadamente difficil o accesso quotidiano ao eucharistico festim, é da vossa parte, queridos jovens, questão de generosidade, de comprehensão dos vossos interesses e de amor a Jesus. Estas grandes coisas vibram ainda no vosso coração entusiasta.

De communhão em communhão, cresci em Jesus, até á communhão eterna no ceu, por que todos devemos ancian e trabalhar. Assim seja.

Senhor Jesus do Monte das Mós

Algumas commissões de illustres catholicos acabam de lançar mãos a um empreendimento omnimodamente sympathico em honra do SS. Coração de Jesus. Para delle darmos ideia aos nossos leitores, o melhor é transcrevermos um eloquente prospecto que ha pouco nos foi enviado. Omittimos as listas dos cavalheiros que constituem as ditas commissões.

Ha tempos appareceu e vai seguindo caminho a ideia de um monumento (1) ao Santissimo Coração de Jesus, sobre uns penêdos que lá têm nome de *Mós-Grandes*, eminentes á freguesia de Carvalheira, em Terras de Bouro. Leva em mira este pensamento:

1.º — Deixar aos vindouros um testemunho solemne da nossa Fé em Christo, Redemptor do mundo, vingando-o quanto em nós é das arremettidas, cada vez mais odientas, de seus gratuitos e desatinados inimigos;

2.º — Propôr aos catholicos e pacificos habitantes dessa ribeira do *Homem*, e a quantos de perto ou de longe avistarem a Sua bendita imagem, um como divino *talisman* para preservação ou remedio de seus males, e refugio nos momentos angustiosos da vida;

3.º — Promover que este monumento ao Santissimo Coração venha a ser, com o andar dos tempos, um centro de peregrinações, como se hoje pratica noutras terras; ou de simplez clamôres, como diziam e faziam nossos paes.

Sitio melhor asado ao intento difficilmente se encontrará. O enorme *bloco erratico*, conhecido por penêdo das *Mós*, corôa o topo de um outeiro a cavalleiro de outros, porém de facil accesso e assim mesmo desafrontado de todas as bandas, ao largo e ao longe, e numa recta de muitas de-

(1) Ao findar o seculo XIX e por motivo de glorificação a Christo Salvador do Mundo, só a Italia á sua conta erigiu-lhe OITO estatuas em diferentes pontos elevados dos seus montes; e os nossos de Gôa cuidam em levantar uma com o mesmo intuito. Em Vianna do Castello tem o SS. Coração estatua de bronze, no Monte de Santa Luzia; em Braga temos a da Immaculada Conceição, de marmore, no monte Sameiro. E assim mesmo no Porto e em Coimbra se cuida agora de erigir estatuas á Virgem Santissima.

zenas de kilometros segundo a ribeira subjacente.

De lá está dominando numerosas povoações das chapadas e pendores dos contrafortes occidentaes do Gerês, mais os habitantes ribeirinhos do Homem até muito para além de Villa Verde.

Não parece senão, que alli collocara Deus aquella formidável massa granítica, para base e peanha de um monumento ao Seu Santissimo nome!

De N. a ESE. cerram-lhe o horizonte quasi em semicirculo e num raio de 5 kilometros, as cumiadas da serra Amarella e Chã da Fonte até aos dois gemios Cabeços de Covide, passando pelos escavados cêrros eminentes ás varzeas de Villarinho da Furna e S. João do Campo, que se tingem de purpura violacea ao pôr do sol, nas calmosas tardes de verão e outono. Pelo S. altea-se a projecção orographica da vertente esquerda do Homem, a qual depois de se alargar no planalto de Santa Isabel do Monte, vai terminar em S. Pedro Fins, sobranceira ao fertil valle, cada vez mais apertado entre o Cavado e aquelle confluente, até de todo se extinguir no Bico. Parallela a esta e vertendo sobre a margem direita, a projecção da serra Amarella, que estendendo-se do ponto culminante, a Chã da Fonte pela lombada de Gondomar e Aboim de Nobrega etc. entre o Lima e o Homem, primeiro, depois entre o Cavado e o Neiva, corre ás terras baixas da beira-mar.

O pintoresco da paisagem, na qual as graças e opulencias da vegetação minhota se casam por surprêza ao grandioso das empinadas ladeiras, estreitos valles, cascatas e despenhadeiros alpestres, abrindo a cada passo novas e variadas perspectivas; o fresco das aguas, a pureza do ar ambiente, as tonalidades da luz crepuscular, tal encanto dam a estas paragens, que não vem ahi forasteiro que as não admire, e muitos comparem ás tam gabadas da Suiza.

E tudo isso aqui, a dois passos de Braga!

Querera Deus N. S. que tantas graças naturaes que por lá derramou concorram a levar por deante esta obra, emprehendida por sua maior gloria? Se assim é, fiat, fiat.

Pelo entanto já obteve o placet e benção de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primás, e approvação de illustrados sacerdotes bracarenses, fervorosos no culto ao Sagrado Coração de Jesus.

Isto nos basta para alentar na tentativa, como augurio da divina graça e favor divino. O mais virá com tempo, se Deus quiser.

E' simplez o projecto, mas dispendioso por força das circunstanças locaes:

Sobre plataforma assente na corôa espalmada do penêdo das Mós será construído um pilar hexagonal, tendo na face voltada á vertente occidental do monte (rampa de 200 metros de comprimento por 100 de largura) um nicho com altar para missa campal. Sobre o pilar uma estatua ao Divino Coração, de pedra e um pouco maior que o natural. Toda a construção ficará vedada com forte e alta balaustrada de ferro.

Já o local foi inspeccionado pelo illustre engenheiro, sr. Dr. João Teixeira da Silva, encarregado do orçamento da obra, e desde o mês de agosto proximo passado ficou constituída a comissão parochial, de Carvalheira, que terá

a seu cargo receber os donativos e realizar os pagamentos, auxiliar com serviços de mão na condução de materiaes e outros, e superintender vigiando o andamento dos trabalhos.

E bemdito seja Deus! que já um dos membros da comissão parochial cedêu de boa venia a servidão pelo seu prédio; e o dono dos penêdos e duma pequena faixa de terreno adjacente, o sympathico ancião João Dias Pisão, de mão beijada e espontaneamente os offereceu gratuitamente para este fim. Dignos de louvor, e com jus á recompensa de Aquelle Senhor, que até um copo de agua fria dado em Seu nome paga generosamente!

E agora mãos á obra, Deus o quer!

S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primás, Dom Manuel Baptista da Cunha, concede a cada um dos collectores de donativos para esta obra, CEM dias de indulgencias.

Os amigos do S. S. Coração de Jesus, que se queiram associar a tam bella obra, podem mandar os seus óbulos ao rev.^{mo} Padre Martins Capella, residente no Seminário de Braga.

LITTERATURA

A ASCENÇÃO

Esse quem é, que se remonta impavido Dos alcantis do ensanguentado Edon? Que aniaz,—qual agulha de alpedro pincaro Se alteia, paíra na amplidão celeste— Em ostro e murice enopada a veste, A's grimpas sobe da eternal Sion!

Esse quem é, que ao debellado tartaro Na fauce ignivoma um agaimo pôs? Que alim da cruz o triumphante labaro De Bosra hasteia no esbaroado escumbro, Que alim domon, que falminon de assombro As turmas barbaras do Edon feroz!

Quem é, quem é, que o destronado Lucifer Aos pés lhe tomba amedrontado já? Que ardido rompe os esquadrões satanicos, Que os ceus desfecha, que den mata á morte, Que assim ao homem lhe melhora a sorte, Que a par de Deus enthronizado está!

E' Deus—o Deus, que agonizon no Golgotha, Que no patibulo triumphou da cruz... E' Deus—o Deus, que resurgiu do tumulo, Que ao mundo vein padecer martyrio, Que ao mundo abriu os penetras do empyreo, Christo, o Messias, o Homem Deus, Jesus!

Minha alma, enleva-te—na rude ethara O ascenso canta de Jesus aos ceus.— Vê desponsar-se, vá, c'os sons angelicos A rude voz do terrenal latide, Que emfim se vai com divina virtude Jesus no solio reclinar de Deus...

Que prazeres em Gethsémani! Que de hosannas, e que vivas, Que alleluias tam festivas Do Olivete nos jardins! Nelle ha pouco uns sons tam lugubres, Os suores da agonia, Do Calvario ao longe a via, Os acintes dos malsins...

Nelle dores, sustos, lagrimas, Nelle o caliz da amargura, Nelle tanta desventura... E agora?—agora festins, Hosannas, transportes, jubilos, Regosijos só divinos, Alleluias, ledos hymnos, Descantar de cherubins.

Da paixão, da cruz, do Golgotha, Do mortal penar de ontrora, Que lhe resta a Christo agora? A memoria—o parabem... Restam do triumpho os canticos, Os applausos da victoria, O diadema, um sceptro e gloria Tal que o ceu equal não tem,

Livres já do antigo ergastulo Vêm saudá-lo os patriarchas, Vêm curvar-se-lhe os monarchas Da celestial Salem: Vêm dos innocentes martyres Vojar-lhe em torno o cardume, Sacrificado ao cume Dum rei despota em Belem.

Ao vô-lo, agora surri-se-lhe Leda a flor, que o chão matisa, Vem-lhe embalsamada a brisa Ciciar canções de amor:

Vêm bafejá-lo os zephiros, Vêm trinar-lhe a philomela— Toda a terra se desvela Em festejos ao Senhor.

Só não dobra o collo tumido A deicida synagoga; Antes impia desafoga Em blasphemias seu rancor— Quando já se humilha Lucifer, Quando o louva até o abysmo, A raivar no paroxismo De immorredouro estertor.

Meu Jesus, á voz fatídica Dos oraculos que falta? Pois o mundo emfim te exalta Por Jesus, Messias, Deus!... Um milagre mais—o postumio, O maior só falta agora: Eiz, Senhor, chegada a hora, Falta só subir aos ceus.

Voi, Senhor; ás nossas lagrimas Vos furtai, aos nossos braços... Ide lá do ceu nos paços Coroar-vos de trophæus... Ide colher outros osculos, Recolher mais lindas flores— Esquecei da terra as dores— Ah! subi, Senhor, aos ceus.

A' coitada terra bastam-lhe Os suspiros da saudade; Para os ais da soledade Cá nos fica vossa Mãe: Ide pois, Senhor, os jubilos Destruitor da vossa gloria; Ide escutar da victoria Lá no ceu o parabem.

Ide distribuir alviçaras, Ide ás redimidas almas Dar no ceu celestes palmas, Dar nas glorias um quinhão... A nós bastam para balsamo Dumas sortes desgraçadas De vossos pés as pisadas Estampadas cá no chão.

J. D.

CURIOSIDADES

Conversões.—Não pára o movimento de conversão ao catholicismo em Inglaterra. Uma vez por mês é administrado o sacramento da confirmação na cathedral de Westminster a adultos que quasi todos sam pessoas que abjuraram o protestantismo. De cada vez se contam de 50 a 60 destes neophytes. Na vespera da festa da Immaculada Conceição duas mulheres distinctas, a nobre miss Mary Thesiger, filha do lord Chelmsford, e miss Wanchope foram recebidas no gremio da Igreja catholica. Entre os ultimos conversos ha alguns pastores anglicanos dalguma nomiada. E' bem certo que a Igreja não morre.

Musica.—Ha nas aguas nova-Iorkêsas umas lagostas de bello tamanho que attingem de um metro a um metro e vinte. Pa receu a pinça gigantesca duma-dellas a Benjamim Cariten, fabricante de instrumentos de corda em Philadelphia, susceptivel de se transformar em rebecca. Basta para isso ajustar sobre essa pinça, empregada como caixa de resonancia, um braço, uma tecla, um cavallette e cordas. O instrumento tem uma bella pintura vermelha que desafia os mais prestigiosos vernizes, e, diz-se, uma sonoridade comparavel á das melhores rebecas italianas. A rotina é tam forte que muitos musicos hesitaram em se apresentar no mundo com uma pinça de lagosta para tocar uma symphonia de Beethoven.

Opio.—Como se sabe, na China consumia-se muito opio; mas de reforma em reforma o governo chinês chegou a prohibir o consumo desse veneno; mas, como as casas inglesas de Hong-Kong se julgam prejudicadas com essa prohibição, com a intervenção do seu governo esperam que o commercio do opio será supprimido gradualmente.

NOTICIARIO

A creche.—Está finalmente Guimarães de posse de mais uma instituição de caridade, em que a benemerencia de vima-ranenses illustres ha de pôr, estamos certos disso, os seus olhos de ver, para seguirem com os seus recursos a obra que corações bem formados e que merecem a benção de Deus encetaram: um, contribuindo, ao deixar esta vida, para que seus recursos fossem aproveitados em beneficio das pobres creancinhas que aquella casa já agasalha; outros, propondo-se completar e inaugurar a obra daquelle de largo alcance humanitario e civilizador.

Foi pois no passado domingo, cerca da 1 hora da tarde, e não ás 5 horas como por lapso disse-mos, que se realizou a sessão solemne de inauguração da Creche da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, a qual decorreu brilhantissima pela numerosa e selecta assembleia que se reuniu no vasto salão, e pela eloquencia dos oradores que se prestaram a contribuir com a sua palavra para que um tal acto revestisse a maxima solemnidade.

Assumida a presidencia pelo presidente da camara, rev. João Gomes de Oliveira Guimarães, tendo por secretarios os snrs. P.^o Abilio Augusto de Passos, prior da V. O. T. de Domingos, e Augusto Mendes da Cunha, ministro da V. O. T. de S. Francisco, foi por este lida uma bella allocução, á qual respondeu o sr. presidente com um discurso, correcto na fórma, brilhante nos conceitos, cheio de fé e de patriotismo, erudito e claro, como sam todos aquelles em que sua ex.^a falla ao coração e em que exorna a caridade.

Seguidamente foi recitada uma poesia pela menina Laurinda da Silva Torres, sendo muito saudada.

Chegou depois a vez ao sr. Coronel Silva Dias, uma alma verdadeiramente devotada ao exercicio do bem, sendo uma das primeiras pessoas que em Guimarães se lembraram da criação de uma creche. Sua ex.^a discursou proficientemente, fazendo destacar o seu amor pelas classes proletarias, e fallando largamente sobre o alcance social da obra que se estava inaugurando.

Finalmente fez uso da palavra o sr. dr. Joaquim José de Meira, o abalizado clinico e cidadão illustre e benemerito. Desnecessario será encarecer as suas palavras. Acostumados, como estamos, a ouvi-lo sempre que se nos offerece ensejo, e sabendo os dotes de coração que o exornam, basta dizer aquelles que nos lêem que teve o sr. dr. Meira mais uma vez occasião de provar o quanto o interessa e enthusiasma tudo quanto tenda a beneficiar a humanidade, tudo quanto faça honra a esta terra que elle ama e em beneficio da qual sempre collocou a sua actividade valiosa e incontestavel.

Todos os oradores foram ouvidos em profundo silencio, sendo por vezes interrompidos os seus discursos com applausos, alias mercedissimos, ouvindo-se ao terminar calorosas salvas de palmas.

Desejavamos alongar-nos em considerações sobre a utilidade da instituição de que nos vimos occupando.

Em poucas palavras porém, concluindo esta noticia, diremos o que sentimos, visto que outras occupações chamam a nossa attenção.

Está inaugurada a Creche. E' de todo o ponto util e civilizado a sua existencia.

E' relativamente pequeno o numero de creanças que alli podem ser recolhidas, para as necessidades do nosso meio industrial, e minguidos os recursos com que a Veneravel Ordem conta para o seu funcionamento. Resta-nos fazer um apello aos favorecidos da fortuna:

Sendo util, como é, que a Creche abrigue o maior numero de creanças, e sendo certo que a Ordem já vae um pouco além dos recursos com que conta para essas despezas, é necessario que aquelles que podem se lembrem da Creche, contribuindo com os seus recursos pecuniarios para que ella preste, sem sacrificios, os seus relevantissimos serviços aquellas tenras creancinhas que não de vir a ser a sociedade do futuro, se a educação physica não fôr descurada, como o tem sido em muitos casos.

Para a Creche!... Quem se não lembrará desta santa e benemerita instituição com uma esmola?

Previsão do tempo.

Diz o meteorologista hispanhol Sfeijoon, na sua previsão para a quinzena prestes a findar, que de 12 a 13 dominará o bom tempo na Peninsula, pois apenas se sentirá ligeiramente em S. O. a influencia da depressão da Madeira.

Na terça-feira, 14, aproximarse-ha de S. O. de Hispanha a depressão da Madeira, que invadirá a metade meridional da Peninsula, ocasionando algumas chuvas em S. de Portugal e em Andaluza, com ventos do segundo quadrante.

Na quarta-feira, 15, a depressão de S. O. exercera maior influencia nas mesmas regiões do dia anterior, de onde se propagará um tanto até o Mediterraneo e o centro, com ventos do primeiro ao segundo quadrante.

Em todo o caso, Deus super omnia, como diz o Borda d'Agua.

Feira de Fafe.—E' na quinta e sexta-feira da proxima semana que se realiza na visinha villa de Fafe a importante feira annual denominada dos 16, que costuma ser extraordinariamente concorrida.

A camara municipal daquelle localidade, com o fim de chamar alli grande concorrência de gado bovino e cavallar, distribue premios pecuniarios aos melhores exemplares que se apresentarem e tambem, no que respeita ao gado cavallar, aos mais e menos fugidores.

Associação dos Surdores.—Realisa-se hoje, pelas 8 horas da noite, na Associação de Classe e Caixa de Soccorros dos Operarios Cortidores e Surdores, desta cidade, para commemorar o 7.^o anniversario da sua fundação uma conferencia, para fazer a qual foi convidado o sr. dr. Arthur Bivar, illustrado jornalista e escritor catholico.

Haverá tambem diversas demonstrações festivas, fogo, musica, etc.

Agradecemos o convite.

Livros escolares.—Na Typographia Minerva, á rua de Payo Galvão, em frente á praça do Mercado, acham-se á venda livros escolares officialmente approvados para as escolas primarias.



Acaba de apparecer a 8.ª edição deste livrinho em bom papel, 50 paginas cheias, esmeradamente impresso em typo elzvir, e aformoseado com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude.

Preço 50 reis

A' venda nas principaes livrarias de Lisboa e Porto.

A quem o pedir em numero—para propaganda, ou para collegios e estabelecimentos de caridade, far-se-hão abatimentos proporcionaes, custando:

10 Exemplares	450 reis
25 "	1000 "
50 "	1750 "

Pelo correio, mais 25 reis por cada dezena de exemplares.

Dirigir os pedidos á
Typographia
Minerva Vimaranesse

Rua de Payo Galvão

ou á

Eschola Apostolica

Rua de Santa Luzia
GUIMARÃES

se esperava e tendo de adiar-se as illuminações em consequencia de se apresentar a tarde bastante chuvosa. Fizeram-se ainda assim algumas transacções, porque a concorrência foi algum tanto maior que nos annos anteriores.

Reunido o jury nomiado para a distribuição dos premios, que era composta dos snrs. Guilherme Rodrigues, veterinario municipal, Gaspar Thomaz Peixoto, proprietario, e Joaquim de Sousa Pinto, fornecedor de carnes verdes, foram elles conferidos: o primeiro de 15000 réis, á junta de bois de maior peso, a Ignacio Fernandes, do logar de Alvelhe, da freguesia de S. Torquato, e o segundo, de 10000 réis, á melhor junta de touros a dois dentes, a Antonio Ribeiro, da freguesia de S. João de Ponte, ambos deste concelho.

Cabem neste logar elogiosas referencias á commissão que se propôs levantar do olvido esta feira, que foi importante noutras eras, e que muito bem pode torná-lo a ser se em futuros annos se trabalhar para isso. E não vale desanimar, porque o tempo se não prestou a coroar com brilhante exito os seus esforços no anno presente.

devidos termos um processo de habilitação, requerido por Francisco Marques Duarte, viuvo, proprietario, morador na rua do Anjo, da cidade de Braga, por si e como representante de seus dois irmãos Maria da Conceição Duarte, viuva, moradora na rua de S. Vicente, da mesma cidade de Braga, João Marques Duarte, casado com Maria Custodia Marques, do logar de Ventuzella, freguesia do Salvador de Briteiros, desta comarca, e seus quatro sobrinhos Francisco da Silva, casado com Custodia de Macedo, do logar do Real, da mesma freguesia, Emilia Marques Duarte, solteira e maior, do mesmo logar e freguesia, Quiteria Marques Duarte, casada com Manoel Francisco Draga, do dito logar e freguesia, e Maria Marques Duarte, casada com José Marques, do logar dos Moinhos do Bairro, freguesia do Mosteiro de Souto, desta mesma comarca, todos representados pelo primeiro supplicante, os quaes se pretendem habilitar como unicos e universaes herdeiros de seu irmão e tio Antonio Marques Duarte, auzente ha mais de vinte annos nos Estados Unidos do Brazil, sem delle haver noticias. E no mesmo processo correm editos de 30 dias, que principiarão a contar-se da publicação do segundo e ul-

timo annuncio, citando todos os interessados incertos para, na segunda audiencia deste Juizo, findo o prazo dos mesmos editos, verem accusar a citação e assignar-se-lhes o prazo de tres audiencias para contestarem, querendo; e bem assim correm editos de 6 meses, que tambem se principiarão a contar da segunda e ultima publicação deste, citando o mencionado auzente Antonio Marques Duarte, para, no dito prazo dos editos, comparecer ou fazer-se representar, tendo a citação de ser accusada na segunda audiencia, depois de findo o prazo dos mesmos editos.

As audiencias neste Juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo dias feriados ou santificados, porque, sendo santificados, se fazem no immediato, se tambem não for santificado ou feriado, e sempre pelas 10 horas da manhã, no Tribunal Judicial desta comarca, sito á rua das Lamellas, desta cidade.

Guimarães, 2 de maio de 1907.

Verifiquei,

O Juiz de Direito,

S. Leal.

O escrivão do 2.º officio,

Gaspar Teixeira de Sousa
Mascarenhas.

Uma esmola.—Francisco Vicente Salgado, ex-distribuidor de telegrammas, desta cidade, achando-se no ultimo grau de tuberculose, e não tendo meios para seu sustento, de sua mulher e de seus 4 filhos, que se acham em extrema miseria, recorre ás almas bemfazejas para que o socorram com uma esmola, que Deus lhes agradecerá.

Mora na rua de Traz Gaya, 27.

Tambem recommendamos á caridade dos nossos leitores a infeliz Maria de Jesus Cabreira, viuva, que ha tempos deita san-

gue pela bocca, e se acha sem meios para seu sustento e de um filho que tem.

Mora na ilha de S. Lazaro, á rua de D. João I.



Feira da Rosa.—Realizou-se domingo, como dissemos e é de costume, a feira annual de gado bovino denominada da Rosa, havendo as demonstrações festivas que haviam sido annunciadas. O tempo porém, não se portou como se desejava, dando em resultado não ser ella tam concorrida como

ANNUNCIOS

Annuncio
Editos de 30 dias
e de 6 meses

(2.ª Publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão abaixo assignado corre seus

RECORDAÇÃO DE MEUS ESTUDOS

(A' SOCIEDADE ESTUDIOSA)

«Et sine parabolis non loquebatur eis.»

MATTH., XIII, 31.

XX

O desertor absolvido

O caso seguinte passou-se em França.

O filho dum honrado jornalista, que era grandemente affeccionado a seus paes, viu-se obrigado a separar-se delles, para ir incorporar-se na guarnição de Arras, aonde o serviço militar o chamava.

Neste novo género de vida, a ternura para com sua mãe, longe de deminuir, antes augmentou a tal ponto, que elle já não podia supportar a sua ausência, e definhava, consumido pelo desejo de a ver. Debalde pedia licença para isso aos seus superiores: elles negavam-lha sempre.

Não se sentindo com ánimo para soffrer por mais tempo tam cruel provação, o nosso pobre soldado, depois de ter luctado algumas semanas contra o seu amor filial, tomou finalmente a resolução de desertar.

Uma noite, que estava de sentinella nos baluartes, fixou solidamente a baioneta na muralha, prendeu-lhe uma corda comprida e atou a outra extremidade á cintura. Em seguida tentou descer até ao fundo das fortificações escorregando ao longo da corda.

Infelizmente, o peso do seu corpo arrastou-o com uma rapidez muito sacudida: a baioneta quebrou sob o excessivo esforço, e o infortunado moço caiu, qual massa inerte, no fundo do fôssco.

No dia seguinte de manhã, succedeu passar por ali um operário, que ouviu gritos afflictivos. Approximando-se, não tardou em distinguir um uniforme militar; e foi logo dar parte a um pelotão de soldados que estavam no posto vizinho. O sargento corre ao baluarte, reconhece o seu camarada, manda-lhe prestar todos os socorros, e pergunta-lhe como succedeu tam deploravel accidente.

— Eu tinha um vivo desejo de ver minha mãe;» respondeu ingenuamente o soldado «não havendo quem me desse permissão

A Restauração

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, rendas, abertos mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOCK & C.^a

SUCCURSAES

Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães — Avenida do Commercio.

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, das persaspelas archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

É trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicações os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volume á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranesse

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

Livros religiosos

Acham-se á venda, na Typ. Minerva, á rua de Payo Galvão, os seguintes livros religiosos:

O dia santificado em honra de S. José, pios exercicios para uso dos devotos do Santo Padroeiro da Igreja, 32 paginas, formato elegante, com a imagem do santo na capa magnificamente trabalhada a cores 60 rs.
Pelo correio 65 rs.

Os beneficios da confissão por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Primás, 58 paginas em 8.^o:
Em brochura 50 rs.
Cartonado 120 "

Pelo correio franco de porte.
Desconto vantajoso aos compradores de 50 exemplares para cima.

Compendio de Historia Sagrada, obra approvada e recommendada por varios prelados, 88 paginas em 8.^o, bom papel, illustrado com 46 estampas. 160 rs.
Remettida pelo correio mais 20 "

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. 32 paginas, em bom papel, 20 rs.
Pelo correio, por cada 5 exemplares, mais 10 réis.

A Cruz Alliviada ou motivos de consolação nos trabalhos, de P. Piamonti, S. J., versão portugueza por um professor da Escola Apostolica da SS. Trindade, com licença da auctoridade ecclesiastica, 112 paginas, em 16.^o grande: em brochura 120 rs.

Não se satisfazem as requisições que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

ESTABELECEMENTO

—DE—

Antonio de S. Boaventura Mendes Guimarães

63, 65—Rua de Gil Vicente—67, 69

GUIMARAES

Neste estabelecimento, além de muitos outros artigos, encontram-se á venda bancas de lousa de diversos tamanhos; redomas de vidro, imagens e artigos religiosos; grande variedade de papeis pintados, em bonitos gostos, para forrar salas, bem como guarnições combinadas para os mesmos, de que acaba de receber grande sortido.

Os preços sam os mais limitados possivel.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com nota

POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e Indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

PRE OS

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas-douradas 500 "

Em chagrin-douradas 1000 "

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.
Em GUIMARAES vende-se em casa do sr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

para isso, quis desertar: mas, por desgraça, o meio que empreguei não me deu bom resultado.

—Acautela-te de fallar assim deante dos officiaes:» lhe respondeu o sargento com vivacidade «se te apresentas como desertor, estás perdido!

—Será o que Deus quiser:» tornou o soldado «mas, no catecismo, ensinaram-me que nunca se deve mentir; portanto não mentirei.»

Na primeira occasião reúne-se o conselho de guerra. Lá comparece o infeliz moço, soffrendo ainda horrivelmente das feridas causadas pela desastrada queda, mas bem resolutos a não salvar a vida por meio da mentira.

Vários dos seus camaradas renovam-lhe o conselho do sargento. «Farão de mim» repetia elle «o que quiserem: mas mais vale morrer do que mentir. Hei de dizer a verdade.»

Os officiaes, que constituíam o conselho de guerra interrogam-no. Elle responde com inteira sinceridade. Os assistentes parecem consternados. Os julgadores deliberam, discutem. Afinal, depois de muitas horas de espera, um dos officiaes pronuncia a seguinte sentença:

«Moço soldado, tendes a vida salva: mas é preciso que todos os que aqui estão presentes saibam que deveis esta graça á vossa sinceridade. Se tivésseis procurado enganar-nos, nós, mais cedo ou mais tarde, havíamos de descobrir infallivelmente a vossa impostura, e seriéis espingardado sem remissão. Foi a vossa admiravel franqueza quem nos determinou a abrandar o rigor da lei militar nestas circumstancias excepçionaes. Agradecei a quem na infancia vos inspirou tal amor da verdade e da honra, e conservai toda a vida esses nobres sentimentos.»

Os moralistas, meus caros amigos, quando fallam da mentira, apresentam mil razões para a todos persuadirem que digam sempre a verdade. Uma dessas razões é a necessidade da franqueza para manter as relações sociaes. O commercio, por exemplo, não é possível, se aos homens não merecerem confiança as palavras de seus semelhantes.

Accrescentam que não ha maior deshonra no mundo do que ser um homem tido por mentiroso, e que isso basta para fazer perder a quemquer toda a estimação de que gozasse. Dizem ainda que este infeliz habito de mentir expói aquelle que o tem a um completo abandono da parte dos homens de bem, e que um mentiroso não merece crédito, embora alguma vez falle verdade.

Todas estas razões sam justas e sérias: mas o horror que nos merece a mentira deve ainda ser inspirado por motivos mais puros, mais nobres e mais meritórios, quero dizer, por motivos sobrenaturaes, que sam os mais efficazes e os que sempre devem nortear a vida do christão.

Então, por que é que se não deve mentir nunca?

1.º A grande, a principal razão é que a mentira é um peccado. Por mais leve que a supponhais, a mentira é prohibida pela lei de Deus, e portanto constitue um peccado. E que é um peccado, meus amigos? É o maior mal que pôde haver; é o acto mais odioso e mais injusto que se pôde conceber: porque é uma offensa de Deus, um desprezo da sua infinita majestade, uma ingratidão contra a sua infinita bondade, uma revolta contra a sua infinita soberania, uma provocação á sua infinita justiça. Seja grave, ou seja leve o peccado: uma vez que é peccado, tem todos estes caracteres essencialmente abominaveis.

Que a mentira desagrada ao Senhor e o offende, di-lo claramente a simplez razão de cada um; mas di-lo sobretudo a fé, isto é, a auctoridade do mesmo Deus manifestando-se sobrenaturalmente aos homens para bem delles. É revelação consignada em mil passagens da sagrada Escripura. Deus é essencialmente verdade e o auctor de toda a verdade: nunca a mentira pôde deixar de lhe desagradar. Pelo contrario, o demónio é o pae da mentira, que lida por enganar os homens e os tornar tambem enganadores. Quereis estar com Deus, ou com o demónio?... Ainda preferireis a vileza da mentira á cândida nobreza da verdade?

2.º Nunca se deve mentir, porque Deus pune o mentiroso com rigorosos castigos. «Abominação do Senhor» diz a sagrada Escripura «é todo o enganador. . . . Ai! daquelle que engana! Não evitará a cólera de Deus.» Geralmente faz-se pouco caso dos peccados veniaes durante a vida: por isso tantas almas, baldas da verdadeira nobreza, fazem da ignobil mentira — que na maioria dos casos não reveste as condições de peccado mortal — o seu habito quotidiano. Mas como ha de ser differente o seu modo de julgar, quando se virem a braços com a morte e quando, no logar das expiações dolorosas, encontrarem a dura retribuição da sua injusta leviandade! . . . Que loucura para um christão proferir mentiras tam facilmente, sabendo que dellas ha de prestar conta rigorosa no tribunal do soberano juiz! . . .

3.º Nunca se deve mentir, porque a mentira contém implicitamente uma violação da grande lei da caridade, tam recommendada por Jesus-Christo. Somos todos filhos do mesmo Pae; por consequente, todos somos irmãos. Que nome se ha de dar a quem